

Jacinto, um português e dois chineses: A culinária crítica de Eça de Queirós e José Cardoso Pires

José Roberto de Andrade (Professor do IFBA e doutorando da UFBA)¹

Resumo:

Este trabalho analisa a utilização da gastronomia na composição e na problematização das identidades dos personagens de duas narrativas: *A cidade e as Serras*, de Eça de Queirós, e *O Conto dos Chineses*, de José Cardoso Pires. Adotando como contraponto o choque culinário de identidades chinesa e portuguesa do conto de José Cardoso Pires, procura-se evidenciar a maneira como Eça de Queirós percebeu as mudanças da sociedade burguesa e do capitalismo, para estruturar e problematizar, literária e gastronômica, em *As cidades e as Serras*, as profundas contradições sociais e econômicas da sociedade e da identidade portuguesas. Utilizando as práticas gastronômicas como “matéria” de representação, Eça de Queirós observa as modificações de ambientes, etiqueta e de cardápio para (re)elaborar uma concepção crítica da sociedade. Do seu primeiro romance realista até *A cidade e as Serras*, as características das cozinhas e dos cozinheiros se modificam e exigem um olhar diferenciado, mas o escritor de *Os Maias* continua a utilizar a culinária para criticar, com fina ironia, as singulares condições, perspectivas e limitações da sociedade portuguesa do final do século XIX. Na mesa de Jacinto, se concretizam os limites do capitalismo, o descompasso entre o ideal de grandeza e a pequenez cotidiana, a estereotipia do olhar destinado ao outro, o desconhecimento de si e a reificação das relações humanas. Esses elementos são também, no século XX, percebidos na pena de José Cardoso Pires, que, pela perspectiva do olhar popular, elabora gastronômica as mesmas limitações que Eça antecipava no século anterior.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa, Eça de Queirós, Culinária, José Cardoso Pires.

Em trabalhos anteriores (ANDRADE, 2012 e 2013), tenho adotado um ponto de vista gastronômico para ler a obra de Eça de Queirós². Até agora, centrei-me nos textos de Eça e de seus críticos, na busca de caminhos possíveis para sua leitura. Este é o primeiro exercício de contraste com narrativa de outro autor, no caso com *O conto dos chineses*, escrito em 1959, por José Cardoso Pires³, cuja leitura indicou algumas possibilidades de interpretação do romance *A Cidade e as Serras*, obra semipóstuma, publicada em 1901. A leitura do conto sugeriu-me algumas “chaves” para a leitura comparativa: gastronomia, viagem, aproximação, identidade. Nesta análise preliminar, o tratamento dado a essas chaves será bem simples, sem aprofundar aspectos psicanalíticos e históricos.

O conto de José Cardoso Pires põe em contraste duas identidades: portuguesa e chinesa, representadas, respectivamente, por um guarda de obras que trabalha “há muitos anos na cidade”, mas “era no fundo um camponês” (PIRES, 2011, p.29), e por dois caixeiros viajantes chineses, que carregam suas mercadorias pelo território português.

¹ E-mail: andrade.escolas@gmail.com

² O projeto intitulado “Gastronomia, sexualidade e relações de poder na obra de Eça de Queirós” está sendo desenvolvido em programa de doutoramento na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Alguns resultados parciais, indicados nas referências bibliográficas, já foram publicados.

³ Agradeço à professora Dra. Lilian Jacoto, da USP, pela indicação entusiasmada da excelente narrativa de Cardoso Pires *O dinossauro excelentíssimo*. Adquiri o livro para ler um e, também entusiasmado, cheguei a *O conto dos chineses* e a outras histórias.

O guarda português encontra-se vestido com roupa de domingo — “porque era domingo e, além de domingo, festa de São João” (PIRES, 2011, p.29) —, sob um telheiro, à sombra, a comer:

comia lentamente, sem gosto, apenas para sustentar o corpo, e também nisso se parecia com os camponeses, que se alimentam, não comem. Um cavador mastigando em pleno descampado comeria decerto assim — com aquela mesma solidão; talhando a navalha na palma da mão, poupando o conduto, bebendo pela garrafa em goladas pensativas. (PIRES, 2011, p.30).

A mastigação mecânica tritura os alimentos, enquanto o olhar busca o horizonte:

Naquele momento estava só voltado para o horizonte da cidade. [...] Às vezes baixava os olhos para os dois queijos que tinha aos pés, num pedaço de jornal. Mas logo a seguir via a fogueira quase morta, via a panela, a estrada, e ia por ali fora, entre quintas e poeira, e só descansava a vista na cidade, lá longe. Isto sem deixar de mastigar. (PIRES, 2011, p. 29-30)

O português parece apático, seus sentidos estão adormecidos e os objetos e a comida próximos lhe são indiferentes ou insossos. Mastiga mecanicamente e seu olhar vagueia de um objeto a outro, para encontrar algum conforto na cidade distante. A mastigação automatizada e o olhar distanciado são perturbados pela aproximação dos dois chineses. Avistados no horizonte, aproximam-se e exigem que o português mobilize conhecimentos sobre a China e signifique objetos e gestos dos viajantes: i) O lenço, constantemente levado à testa, lembra que os chineses suam, apesar de não serem gordos; ii) Por causa das pesadas malas que carregam, o guarda infere que são “feirantes”; iii) O português lembra-se também que antes se viam muitos. Agora devem ter voltado para a terra deles, onde “segundo consta já não existe [...] a muralha dos mandarins de ouro de que tanto se falava” (PIRES, 2011, p.30).

Os chineses passam pelo guarda, sem cumprimentá-lo, param dez passos adiante e voltam para perguntar se havia casa de pasto próxima. A resposta é negativa, mas a hospitalidade não: percebendo a fome dos viajantes, o guarda oferece sua merenda. Providencia pão e lembra de ter “ouvido dizer” que chineses “não são muito amigos de pão. De arroz, de arroz sim, e com dois pauzinhos” (PIRES, 2011, p. 31).

Da aparição no horizonte ao contato inicial, a imagem prévia que o português faz dos chineses é a do senso comum, construído discursivamente, à distância e sem diálogo ou observação diretos. A língua e os discursos já exerceram sua função de “fabricar” — no sentido em que Isidoro Blikstein (1983) dá ao termo⁴ — a identidade chinesa. O guarda “ouve dizer” e incorpora o discurso como verdade/realidade: chineses suam sem serem gordos, não gostam de pão, comem com pauzinhos, são feirantes. Essa imagem marcada por traços estereotipados vai sendo posta em xeque pela aproximação e observação direta da realidade. Os dois chineses sentam-se, aceitam pão, mas recusam o queijo. A recusa leva ao questionamento da identidade gastronômica: na China come-se/faz-se queijo? E os chineses dão a resposta que aproxima paladares: “Faz, patrão. Faz tudo. Queijo de cabra, queijo de

⁴ Segundo Blikstein, a língua e os discursos exercem “função interpretante ou modelante na percepção/cognição e no pensamento” (1983, p.79). A afirmação é decorrência da análise do filme de *O Enigma de Kaspar Hauser*, do cineasta alemão Werner Herzog, que conta a história do jovem Kaspar Hauser, criado até os 18 anos sem contato humano, e deixado numa praça da cidade de Nuremberg, no século XIX. Kaspar “chega a Nuremberg com seu olhar, desprovido de ‘óculos sociais’. Sem práxis e sem estereótipos, a sua aproximação cognitiva da realidade é direta: para Kaspar Hauser não haveria referente ou realidade **fabricada**” (BLIKSTEIN, 1983, p. 76-77 grifos do autor). A fabricação da realidade ou, mais propriamente, o contraste entre a “realidade de Kaspar” e a realidade fabricada pela sociedade alemã vai acontecer na medida em que são ensinados a ele a língua alemã e os discursos aos quais ela dá forma. No caso do guarda os “óculos sociais” vão oferecer uma interpretação prévia do estrangeiro.

vaca, queijo de toda qualidade” (PIRES, 2011, p.34). Ao queijo, seguem-se suposições e perguntas sobre outros itens gastronômicos: “parece que vossemecês comem ratos” e “baratas assadas? E andorinhas?” (PIRES, 2011, p. 35). Os visitantes se espantam com a presença de ratos e baratas no cardápio e esboçam explicação sobre suas preferências alimentares: “nossa gente come tudo. Come arroz, come pão, come peixe, come carne” (PIRES, 2011, p.35). E enfatizam os pássaros, sem deixar de lembrar que, também nisso, são iguais aos portugueses: “—Nossa gente, patrão, come passarinho como o português. Patrão não gosta de passarinho?” (PIRES, 2011, p.35).

A pergunta sobre os passarinhos leva à reflexão e desperta lembranças saborosas: “Homem, nem se pergunta. Fritos em banha e com um copo para amortecer, não há petisco que se compare”. As imagens dos petiscos acendem o sorriso e o, antes apático, olhar: “E o guarda sorria por dentro, com lume no olho. Estava a ver passarinhos a pingar no pão aos balcões das esplanadas [...]” (PIRES, 2011, p. 35). Levado a pensar sobre sua própria identidade gastronômica, o português desperta da apatia, lembra sabores e enumera receitas, enquanto atiça o fogo para esquentar o caldo, que serve aos chineses com vinho e queijo.

Toda a cena revela que a identidade chinesa construída no discurso do senso comum português tem traços gastronômicos fortes. Mais do que vestimentas e práticas comerciais, as preferências culinárias dos viajantes marcam o inicial distanciamento e, depois, a aproximação. Quando retomam sua viagem, só resta ao guarda português afirmar: “Como nós, ia dizendo o guarda, tal e qual como nós. No comer e em tudo.” (PIRES, 2011, p. 36).

Os contrastes gastronômicos, o jogo de distanciamento/aproximação, a passagem da apatia para a euforia, o reconhecimento do igual no estrangeiro da narrativa de José Cardoso Pires podem ser observados n’A *Cidade e as Serras*. Pinçarei alguns exemplos. No final do capítulo I, José Fernandes retorna a Paris, depois de sete anos em Portugal. Encontra seu amigo Jacinto curvado, dispéptico, inapetente e enfasiado, mesmo rodeado dos milhares de objetos e engenhos — livros, elevador, aquecimento, telefone... tudo que a “civilização” oferece e que a renda de suas propriedades portuguesas permitiu comprar para seu palacete, o 202. O fastio é tão grande que o criado, Grilo, afirma que seu patrão sofre de “fartura”:

Uma noite [...], consultei o Grilo:

— Jacinto anda tão murcho, tão corcunda... Que será, Grilo?

O venerando preto declarou com uma certeza imensa:

— S. Ex.^a sofre de fartura.⁵ (QUEIRÓS, II, p. 525)

As circunstâncias diferem, mas a situação de Jacinto, nesse momento da narrativa, é semelhante à do guarda português. Seus sentidos e esforços estão fixados na “simbólica cidade”, obra máxima da civilização e “fora de cuja vida culta e forte [...] o homem do século XIX nunca poderia saborear plenamente a ‘delícia de viver’, ele [Jacinto] não encontrava agora forma de vida, espiritual ou social, que o interessasse” (QUEIRÓS, II, p.525). Ele está farto, cheio, enfasiado e, em certa medida, buscando uma janela para a mudança. Da mesma maneira que o olhar do guarda é desviado da cidade para o horizonte, Jacinto tem sua atenção atraída para além das fronteiras da cidade e organiza uma viagem a Tormes, com a finalidade de acompanhar o traslado dos ossos de seus ancestrais e as obras de recuperação em suas propriedades.

⁵ Os trechos da obra de Eça de Queirós foram retirados da edição, mencionada na bibliografia, em quatro volumes, publicada pela editora Aguilar, sob a coordenação de Beatriz Berrini. Nas citações, farei referência aos volumes (I, II, III e IV) e às páginas.

N’O conto dos chineses, o estrangeiro chega, no romance de Eça, o personagem vai ao estrangeiro, que, contraditoriamente, é sua própria terra. Nesse sentido, é importante lembrar que Jacinto nasceu em Paris e sua identidade portuguesa é dada pelo sangue, não pelo local de nascimento. Também é preciso recordar que o estrangeiro, no caso de Jacinto, é o que se encontra além das paredes do 202 e das fronteiras confortáveis da civilização parisiense, na “natureza”. Um exemplo do desconforto que sente ao ultrapassar esses limites é o passeio pelo “honesto bosque de Montmorency”, onde Jacinto “abafava, apavorado, experimentando já esse lento minguar e sumir de alma que o tornava como um bicho entre bichos” (QUEIRÓS, II, p. 484). A natureza, para Jacinto é tudo que está fora das fronteiras do que ele considera civilização. E em meio a esse território natural, ele

assistia à súbita e humilhante inutilização de todas as suas faculdades superiores. [...] Toda a intelectualidade, nos campos, se esteriliza, e só resta a bestialidade! Nesses reinos crassos do Vegetal e do Animal duas únicas funções se mantêm vivas, a nutritiva e a procriadora. [...] dois instintos surdiã, imperiosos e pungentes, o de devorar e o de gerar. Ao cabo de uma semana rural [...] só restava um estômago e por baixo um falo! (QUEIRÓS, II, p. 484-484)

Estômago e falo, comer e procriar são os órgãos e os instintos básicos a que Jacinto imagina seria reduzida sua alma civilizada, depois de uma semana no campo. Por isso ele tem horror ao estrangeiro e, conseqüentemente, a Portugal. Ir a Portugal é afastar-se da civilização, enfrentar o desconhecido, o natural. Ainda assim, Jacinto, com seu amigo José Fernandes, empreende a viagem de trem, carregando toda civilização que coube nas caixas despachadas para Tormes; caixas que espetacularmente se perdem no caminho e levam os viajantes a cruzar a fronteira portuguesa sem banho, sem escovas para cabelo e com as mesmas roupas do início da viagem, ou seja, mais naturais e animais do que saíram de Paris. A incipiente animalização é indicativa da mudança que começa a se concretizar:

—Acorda, homem, que estás na tua terra!
Ele desembrulhou os pés do meu *paletot*, cofiou o bigode, e veio sem pressa, à vidraça que eu abrira, conhecer a sua terra.
—Então é Portugal, hem?... Cheira bem.
—Está claro que cheira bem, animal! (QUEIRÓS, II, p. 557)

O olfato de Jacinto — caracterizado, comicamente pelo amigo Zé Fernandes, como o de “animal” — dá sinal de vida e, na sequência, o paladar também. Jacinto acorda, sente o aroma agradável de Portugal e descobre-se faminto:

— [...] Mas agora é que eu estou com uma fome, Zé Fernandes!
Também eu! Destapamos o cesto [...] de onde surdiu um bodo grandioso, de presunto, anho, perdizes, outras viandas frias que o ouro de duas nobres garrafas de Amontilado, além de duas garrafas de Rioja, aqueciam com um calor de sol Andaluz. (QUEIRÓS, II, p. 557)

Os amigos abrem o farnel oferecido por d. Esteban, administrador do ramal espanhol da estrada de ferro, e, enquanto comem, Jacinto lamenta ter “deixado Tormes, um solar histórico, assim abandonado e vazio!”. Imagina que seria uma “delícia, por aquela manhã tão lustrosa e tépida, subir à serra, encontrar a sua casa bem apetrechada, bem civilizada...”, deparar-se, enfim, com um “palácio perfeito, um 202 no deserto!” (QUEIRÓS, II, p. 557). Ainda aqui, no trem, a percepção de Jacinto está fortemente limitada aos óculos que sempre carregou consigo, por isso ele lamenta por não ter transportado, antes, para o deserto da serra, toda a civilização do 202 parisiense. A modificação na alma de Jacinto será gradual — nunca total — e se dará, como *n’O conto dos chineses*, pela perspectiva gastronômica. De inapetente, ele passa a ter fome e a comida acentuará a aproximação com o outro, português.

Já em Tormes, lamentadas as condições inadequadas para a sobrevivência de uma alma civilizada, Jacinto e Zé Fernandes sentam-se para comer e:

Jacinto [...] esfregou energicamente, com a ponta da toalha, o garfo negro, a fusca colher de estanho. Depois, desconfiado, provou o caldo, que era de galinha e recendia. Provou – e levantou para mim, seu camarada de misérias, uns olhos que brilharam, surpreendidos. Tornou a sorver uma colherada mais cheia, mais considerada. E sorriu, com espanto: — “Está bom!”

Estava precioso: tinha fígado e tinha moela; o seu perfume enternecia; três vezes, fervorosamente, ataquei aquele caldo.

—Também lá volto! — exclamava Jacinto com uma convicção imensa. — É que estou com uma fome... Santo Deus! Há anos que não sinto esta fome (QUEIRÓS, II, p. 567).

Como o do guarda de obras, o olhar brilhante de Jacinto revela a transformação interior. O olhar da personagem de Eça brilha não pelas lembranças gustativas, mas pelo despertar de uma condição antes desconhecida: a satisfação do paladar. Condição que vai se constituindo como realidade, ou, se quisermos modalizar a afirmação, vai ressignificando a realidade anteriormente modelada. Ressignificação que Zé Fernandes também percebe: Jacinto “parecia saciar uma velhíssima fome e uma longa saudade da abundância” (QUEIRÓS, II, p. 567). Fome tão velha e tão grande que Jacinto

[...] rapou avaramente a sopeira. E já espreitava a porta, esperando a portadora dos pitéus, a rija moça de peitos trementes, que enfim surgiu [...] e pousou sobre a mesa uma travessa a trasbordar de arroz com favas. Que desconsolo! Jacinto, em Paris, sempre abominava favas!... Tentou todavia uma garfada tímida — e de novo aqueles seus olhos, que o pessimismo enevoara, luziram, procurando os meus. Outra larga garfada, concentrada, com uma lentidão de frade que se regala. Depois um brado:

— Ótimo!... Ah, destas favas, sim! Ó que fava! Que delícia!

[...]

—Deste arroz com fava nem em Paris, Melchior amigo! (QUEIRÓS, II, p. 567)

Comendo “a comidinha dos moços da Quinta!”, Jacinto remodela a realidade fabricada, pela perspectiva do estômago. E gradualmente: das comidas às bebidas. Inicialmente o vinho: “[...] nada o entusiasmava como o vinho de Tormes, caindo de alto, da bojuda infusa verde — um vinho fresco, esperto, seivoso, e tendo mais alma, entrando mais na alma, que muito poema ou livro santo” (QUEIRÓS, II, p. 567). Depois, já estabelecido, a água, que substitui todas as águas antes sorvidas em Paris:

—Ana Vaqueira! Um copo de água, bem lavado, da fonte velha!

Pulei, imensamente divertido:

—Ó Jacinto! E as águas carbonatadas? E as fosfatadas? E as esterilizadas? E as sódicas?...

O meu Príncipe atirou os ombros com um desdém soberbo. E aclamou a aparição de um grande copo, todo embaciado pela frescura nevada da água refulgente, que uma bela moça trazia num prato. (QUEIRÓS, II, p. 577)

Jacinto vai se naturalizando e animalizando, ou seja, vai se deixando tomar pelo estômago e, depois, pelo falo. Antes abomináveis, animalidade e natureza são, também, ressignificadas pelo senhor de Tormes ou, pelo menos, aceitas como verdade (e, depois praticadas, uma vez que Jacinto casa-se e tem filhos):

— [...] É uma bela moça, mas uma bruta... Não há ali mais poesia, nem mais sensibilidade, nem mesmo mais beleza do que numa linda vaca turina. Merece o seu nome de Ana Vaqueira. Trabalha bem, digere bem, concebe

bem. Para isso a fez a Natureza, assim sã e rija; e ela cumpre. [...] Não, meu filho, a serra é maravilhosa e muito grato lhe estou... Mas temos aqui a fêmea em toda a sua animalidade e o macho em todo o seu egoísmo... são porém verdadeiros, genuinamente verdadeiros! E esta verdade, Zé Fernandes, é para mim um repouso. (QUEIRÓS, II, p. 577)

Jacinto e guarda português estão inseridos em suas realidades modeladas e interpretadas pela língua e pela experiência e seus sentidos carregam marcas de sua visão de mundo. N' *A Cidade e as Serras*, práxis e discursos levaram Jacinto a concentrar, no interior do 202, toda a civilização possível; civilização que lhe daria conforto, se ele não ultrapassasse as fronteiras de Paris. N' *O conto dos chineses*, experiência e discursos enquadram o imaginário do guarda sobre os chineses. Em ambas as narrativas, o paladar embotado e o olhar distraído são inicialmente incapazes de sentir prazer nas paisagens e nos pratos cotidianos. O encontro com o outro revela janelas para a memória e para a ressignificação dos sabores, das paisagens e, em profundidade, dos sentidos. A ressignificação começa no estômago. A comida aproxima, desperta o apetite e ilumina o olhar. Luz que, no caso de Jacinto, estende-se para todo o ventre.

A interpretação dessa dinâmica pode ser variada. Tendo a lê-la como uma crítica a certa fixidez ideológica que limita as fronteiras e impede transformações. O encontro com o outro ou, no caso de *A Cidade e as Serras*, consigo mesmo, é revelador de certo grau de mobilidade que pode, aparentemente, levar à comunhão, na medida em que aproxima geografias, culturas e classes. Não cabe discutir, neste artigo, as soluções propostas em cada narrativa, mas cabe apontar que Eça e Cardoso Pires, apesar dos quase sessenta anos que separam a escrita dos textos, irmanam-se numa crítica das limitações dessa aparente possibilidade de aproximação. O guarda de obras e Jacinto mostram-se complexos e revelam-se capazes, sem apagar seus traços característicos, de ver o igual no diferente e vice-versa. A receita da aparente comunhão está dada: sentem-se à mesa, procurem provar os pratos, trocar receitas e descobrir o outro em si mesmo ou o si mesmo no outro. Nessa dinâmica estaria a possibilidade de ressignificar a realidade fabricada e de promover o encontro, o diálogo e a transformação. Mas há limitações explícitas. O guarda consome e reproduz um discurso estereotipado sobre a China e os chineses. Jacinto e José Fernandes, de outro ponto de vista, também reproduzem e quase mimetizam, em certa medida, o discurso e a práxis de certa burguesia — e, em certa medida, da nobreza, uma vez que Jacinto é dela descendente e reconhecido como príncipe da Grã-Ventura. Discurso e práxis que oscilam com a aproximação da realidade, mas só se modificam parcialmente, de acordo com a conveniência.

No caso de Eça de Queirós, posso afirmar que a proposta da aproximação de paladares para apontar suas impossibilidades não é casual. Essa mesma perspectiva pode ser observada em outras narrativas. N' *Os Maias*, por exemplo, Afonso da Maia mantém, em sua cozinha, um cozinheiro francês e uma cozinheira portuguesa, propondo a combinação de sabores e de identidades, como faz com a educação de Carlos, ao contratar um preceptor inglês para imprimir no caráter e no corpo do neto a têmpera inglesa. A proposta de combinação parece resultar parcialmente. A presença do cozinheiro francês leva à demissão de um dos escudeiros portugueses — por birra patriótica — e, na educação do neto, o resultado é um Carlos da Maia diletante e, até certo ponto, amorosamente destemperado. N' *O Primo Basílio*, o encontro também não é tão feliz, mas a proposta está lá: Juliana, em determinado momento da narrativa, exige, como compensação por não revelar o amor adúltero de Luísa com Basílio, assumir as diretrizes da cozinha e, assim, comer com fartura. Joana, a cozinheira, orientada por Juliana, produz novos, ricos e saborosos pratos, que até Jorge, o marido traído, aprecia. Luísa, porém, não suporta a situação e exige o retorno à condição anterior; e o final é trágico para ambas.

A aproximação culinária, em Eça, é mais uma maneira de concretizar a “arqueologia gastronômica da sociedade portuguesa”, tal qual ele explicitou em artigo intitulado *Cozinha Arqueológica*, publicado em 1893. Neste texto, Eça afirmou: “a cozinha e adega exercem uma tão larga e direta influência sobre o homem e a sociedade” e “a mesa constituiu sempre um dos fortes, se não o mais forte alicerce das sociedades humanas” (QUEIRÓS, III, p.1226). A declaração ressalta a intrínseca relação entre comida e sociedade, que Eça reforça, ao adicionar: “O caráter de uma raça pode ser deduzido simplesmente de seu método de assar a carne”, por isso “dize-me o que comes, dir-te-ei o que és” (QUEIRÓS, III, p.1226). Penso que o escritor de *A Cidade e as Serras* não se incomodaria se acrescentássemos “com quem” e “como”, a este último período: “diga-me o que comes [como comes e com comes] e dir-te-ei quem és”. O acréscimo é apropriado, pois Eça destaca a necessidade de se fazer a “arqueologia” daí o título do artigo do sistema culinário romano, ou seja, dizer o que, com quem e como a sociedade romana comia para entender as relações entre cozinha, processos de cozimento e relações sócio-políticas. E o escritor não só propôs uma arqueologia culinária das sociedades clássicas, procurou fazer a arqueologia da cozinha ou a cozinha arqueológica da sociedade portuguesa. Ao tratar de culinária em seus textos críticos e ao tematizá-la quase obsessivamente nos textos literários (MATOS, 1998, p. 63), Eça ecoa ideias de tratados gastronômicos de época, como o *Fisiologia do Gosto*, publicado em 1825, pelo célebre advogado, político e cozinheiro francês Brillart Savarin, e como todo autor excepcional antecipa reflexões de historiadores como Jean François-Revel (1996) e Massimo Montanari (2004), para quem os valores do sistema alimentar são resultado da representação dos processos culturais, e a relação humana com os alimentos se estabelece segundo critérios econômicos, nutricionais e simbólicos. Por isso a comida “se configura como um elemento decisivo da identidade humana e como um dos instrumentos mais eficazes para comunicá-la” (MONTANARI, 2004, p.10; tradução nossa). Além de ecoar e antecipar, as afirmações de Eça, tomadas na perspectiva da proposta de representação realista da sociedade portuguesa, significam, em alguma medida, considerar a cozinha e a comida como forma de caracterizar personagens e sociedade. Comida seria também matéria a ser observada e moldada nas narrativas. E ele não poderia escapar das possibilidades de “combinação” e de “limitações”.

Voltando à comparação: ainda que apresentem a aproximação gastronômica como proposta para modificação da realidade fabricada, Eça de Queirós e José Cardoso Pires percebem e criticam a limitação do olhar e do paladar português e, portanto, das possibilidades de mudar não só os óculos, mas também a realidade.

No conto, o guarda português deixa ver, também, os limites de uma sociedade que levou séculos na conquista de territórios que não quis e não conseguiu conhecer, nem manter. A cena final da narrativa concretiza essa relativa incapacidade; o guarda português, apesar de reconhecer e estabelecer a igualdade com os viajantes,

recordava ainda os chineses que o tinham visitado e, sem saber porquê, via-os cobertos de um brilho de ouro, vestidos com cabaias de dragões como os mágicos do circo. E sentindo o vento da tarde a trazer-lhe o cheiro da resina da lenha à fogueira, adormeceu a sonhar com passarinhos fritos, escorrendo sobre o pão (PIRES, 2011, p.38).

A aproximação modifica temporariamente o olhar estereotipado, mas o guarda dorme e sonha com suas próprias preferências culinárias, embalado confortavelmente pela imagem de mandarins circenses e dourados — o mesmo ouro que, como vimos anteriormente, o discurso corrente diz não mais existir —. Na base do desconhecimento, da perda e do retorno ao estereótipo, parece-me, podemos vislumbrar certo egoísmo, a desigualdade, a ignorância e a limitação para o encontro, não tão enfatizadas n’*O conto dos chineses*, mas explicitadas n’*A*

Cidade e as Serras. Jacinto concretiza uma elite burguesa alienada e anestesiada que ignora sabores e as facetas da identidade e, principalmente, das desigualdades portuguesas. A ignorância aflorar, porque há Zé Fernandes. Embora seja o herói da narrativa, o olhar e o paladar de Jacinto não são os únicos e talvez não sejam os dominantes. Segundo Carlos Reis, n' *As Cidades e as Serras*, o narrador-testemunha “modela a narrativa e a imagem do protagonista, em função de seu estatuto secundário e de sua subjetividade dominante” (REIS, 1997, p.81). A modelagem narrativa é feita, portanto, por José Fernandes, que “não parecendo ser a personagem central da história, [...] é, contudo, a sua voz ideológica mais forte” (REIS, 2000, p. 98). É ele que conduz o leitor pelo universo dos sabores portugueses, pela alma jacíntica e, em vários momentos, pelas contradições que a civilização produz:

[...] E se ao menos essa ilusão da Cidade tornasse feliz a totalidade dos seres que a mantém... Mas não! Só uma estreita e reluzente casta goza na Cidade os gozos especiais que ela cria. O resto, a escura, imensa plebe, só nela sofre, e com sofrimentos especiais que só nela existem! [...] — Mas quê, meu Jacinto! a tua Civilização reclama insaciavelmente regalos e pompas, que só obterá, nesta amarga desarmonia social, se o Capital der Trabalho, por cada arquejante esforço, uma migalha ratinhada. Irremediável, é, pois, que incessantemente a plebe sirva, a plebe pene! A sua esfalfada miséria é a condição do esplendor sereno da Cidade. Se nas suas tigelas fumegasse a justa ração de caldo – não poderia aparecer nas baixelas de prata a luxuosa porção de *foie-gras* e túbaras que são o orgulho da Civilização. [...] E um povo chora de fome, e da fome dos seus pequeninos — para que os Jacintos, em janeiro, debiquem, bocejando, sobre pratos de Saxe, morangos gelados em Champanhe e avivados dum fio de éter! (QUEIRÓS, II, p.530)

Essa mesma contradição e fome que a civilização produz nas cidades, José Fernandes revela a Jacinto nas Serras:

— Fome? Então ele tem fome? Mas há aqui fome?
Os seus olhos rebrilhavam, num espanto comovido, em que pediam, ora a mim, ora ao Silvério, a confirmação desta miséria insuspeitada. E fui eu que esclareci o meu Príncipe:
— [...] Está claro que há fome, homem! Tu imaginavas que o Paraíso se tinha perpetuado aqui nas Serras, sem trabalho e sem miséria... Em toda a parte há pobres, até na Austrália, nas minas de ouro. Onde há trabalho há proletariado, seja em Paris, seja no Douro... (QUEIRÓS, II, p. 598)

Embora aponte as contradições, o tom de Zé Fernandes é de constatação da naturalidade das diferenças em que o capital explora o trabalho. Na cidade, a ausência da “justa ração de caldo” é condição para que os Jacintos degustem “morangos gelados em champanhe”. Nada mais “natural” que também nas Serras, onde “há proletariado”, haja pobres, fome e cardápios diferentes.

A aproximação de Portugal, portanto, revela e ressignifica o caldo, o arroz com favas, o vinho, a água, a verdadeira e prazerosa animalidade. Mas não apaga as contradições antes imersas na “cândida ignorância” de Jacinto (QUEIRÓS, II, p. 598). Tormes é o lugar da desigualdade. A mesma que o capital produz em qualquer geografia. Por isso, no discurso de José Fernandes, as Serras estão marcadas como espaço do prazer gastronômico, da identidade portuguesa, e das naturais contradições da civilização capitalista ocidental. Também por isso, Jacinto, nas Serras, ressignifica o paladar, a natureza e a sexualidade. E chega a propor uma possível comunhão com a Civilização — ou síntese decorrente de “uma dialéctica insinuada logo no título do romance” (REIS, 2000, p.99). A comunhão ou síntese modifica parcialmente a realidade, mas está recortada pelos “óculos” burgueses e, em certa medida, cristãos, que permitem mitigar as diferenças, sem as condenar nem as subverter. Os episódios dos capítulos

finais são indicativos dessas impossibilidades e limitações. Com fina ironia, Eça de Queirós põe Jacinto, na metafórica visão de Grilo, para “brotar” nas Serras e se intitular “um socialista”, que, na explicação de Zé Fernandes e na visão de “tio João Torrado, o profeta da Serra”, significa “ser pelos pobres” ou “O pai dos pobres”. Pai que desperta a mesma esperança e ilusão de D. Sebastião. Jacinto tem “mão real, mão de dar, mão que vem de cima, mão já rara!” (QUEIRÓS, II, p. 619-620), vive no “Castelo da Grã-ventura”, e propõe uma comunhão parcial que não altera a ordem “natural” das relações de classe, revelando, como o guarda português, limites ideológicos que restringem as mudanças. E a realidade, embora parcialmente e confortavelmente ressignificada, permanece a mesma.

Referências Bibliográficas

ALVES, Dario Moreira de Castro. **Era Tormes e Amanhecia: dicionário gastronômico cultural de Eça de Queirós**. Rio de Janeiro: Nordica, 1992.

ANDRADE, José Roberto de. Comer e comer: um verbo, dois (re)cortes em *O Crime do Padre Amaro*. **Pindorama: Revista Eletrônica do IFBA**. Ano 3, Nº 3, Julho-Dezembro/2012, pp. 33-45. ISSN 2179-2984. Disponível em <http://www.revistapindorama.ifba.edu.br/ed_atual.php>. Acesso em 16 jan. 2013.

ANDRADE, José Roberto de. Culinária e modificações do gosto em Eça de Queirós: *O Crime do Padre Amaro e Os Maias*. Petar; Sousa, Pedro Quintino de; Samartim, Roberto López-Iglésias & Torres Feijó, Elias J. (eds.). **Avanços em Literatura e Cultura Portuguesas. De Eça de Queirós a Fernando Pessoa**. Santiago de Compostela Faro: Associação Internacional de Lusitanistas Através Editora, 2012, pp. 141-158. ISBN: 978-84-87305-56-6. Depósito legal: C 594-2012

ANDRADE, José Roberto de. Intermitência gastronômica? Sonho, realidade e farsa n´A *Relíquia* e n´O *Mandarim*. **Anais do XXIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP)**. ISBN 978-85-7862-215-2. Disponível em:<http://www.abraplip.org/anais_abraplip/images/stories/Jose%20Roberto%20de%20Andrade.pdf>. Acesso em 12 dez. 2012.

BERRINI, Beatriz (Org.). **Comer e beber com Eça de Queirós**. Rio de Janeiro: Index, 1995.

BERRINI, Beatriz. Eça de Queirós e os prazeres da mesa. **Semear**. Rio de Janeiro, v. 01, n. 01, p. 53-66, 1997.

BLIKSTEIN, Isidoro. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1983.

FLANDRIN, Jean-Louis. A distinção pelo Gosto. In: Aries, Fhiplipe e Chartier, Roger. **História da Vida Privada 3: da Renascença ao Século das Luzes**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. PP. 267-309.

MATOS, Alfredo de Campos (Org.). *Dicionário de Eça de Queiroz*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1998.

MONTANARI, Massimo. **La Comida como cultura**. Espanha: Ediciones Trea, 2004.

PIRES, José Cardoso. O conto dos Chineses. In: _____. *O burro em pé*. Alfragide: Leya SA: 2011; p.27-38.

QUEIRÓS, Eça de. **Obra Completa**: quatro volumes. Organização geral, introdução, fixação dos textos autógrafos e notas introdutórias Beatriz Berrini. Rio de Janeiro: Aguilar, 1997.

QUEIROZ, Maria José de. **A Literatura e o gozo impuro da Comida**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

REIS, Carlos. **Eça de Queirós: Cônsul de Portugal à Paris 1888-1900**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

REIS, Carlos. **O Essencial sobre Eça de Queirós**. Lisboa: Ed. Imprensa Nacional, 2000.

REVEL, Jean-François. **Um banquete de palavras: uma história da sensibilidade gastronômica**; tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SAVARIN, Brillart. **A fisiologia do gosto**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.